

18º Congresso Brasileiro de Sociologia

26 a 29 de Julho de 2017, Brasília (DF)

Grupo de Trabalho: As cidades no século XXI

Título do Trabalho A cidade e a cultura: os grandes projetos no Brasil (João Pessoa) e França (Tours)

Alzilene Ferreira da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN/
Université François-Rabelais – Tours

1. Introdução

Este artigo surgiu como parte da pesquisa comparada realizada entre os Centros Históricos (CHs) das cidades de João Pessoa, no Brasil e Tours, na França¹, tendo como foco primordial de análise os Bairros do Varadouro e o Vieux Tours. Teve-se como fito, igualmente, compreender os processos de requalificação urbana e seus desdobramentos nos modos como os habitantes percebem os centros históricos nas referidas cidades. No rastro dessas considerações pode-se perscrutar o conúbio entre as políticas culturais e urbanização, que estão vinculadas as estratégias de revitalização. Nesse processo reluz o fenômeno da gentrificação presente nas duas realidades investigadas. Ora, essa propulsora tendência vem alterando significativamente o cariz de diversas cidades nos distintos continentes.

No cenário contemporâneo, observa-se a busca, cada vez mais acentuada, das cidades por uma imagem vendável, capaz de atrair capital e turistas. Ademais, nesse contexto de competição pujante entre as cidades, a cultura é tomada como estratégia fundamental. Em outras palavras, ganha-se mais força o elo entre a cultura, o patrimônio, o turismo e as políticas urbanas.

Como bem persevera o sociólogo Paulo Peixoto (2006), os Centros Históricos vêm passando por processos exagerados de intervenções urbanas e a animação frequentemente a eles associada e sua turistificação, fazem parte do que o sociólogo denomina de panóplia de outros recursos simbólicos e culturais que intentam promover a propagação de um espírito de lugar.

Na busca de varrer o estigma de local decadente, os centros históricos são vestidos com uma nova roupagem e no caso dos grandes projetos almeja-se amalgamar a restauração de antigas edificações com a construção de novos edifícios como museus, hotéis de luxo, lojas, escolas de artes... São, portanto, grandes investimentos financeiros que visam a promoção de profundas transformações das funções do espaço e atração de novos moradores, também de frequentadores e turistas interessados no consumo cultural. Além de viabilizar a instalação de “grande cenário espetacular” (Kara-José, 2007), esse tipo de intervenção traz a lume outro aspecto marcante no desenrolar dessa trama, qual seja: o engate entre os investimentos públicos com a iniciativa privada.

Uma nova imagem de cidade é redesenhada para torná-la capaz de ganhar mais visibilidade e sobrepujar-se no acirrado jogo competitivo entre as cidades – a corrida para obter mais valor simbólico que lhe garanta destaque na cena regional, nacional ou internacional. Convém, ainda, ressaltar que essas mutações dos usos dos espaços apresentam, via de regra, como resultados, demarcações físicas e simbólicas, além de

¹ Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

influenciar sobre as representações do cotidiano.

Assim, para melhor apresentar as duas realidades estudadas dividiu-se o presente artigo em dois momentos, a saber: o Centro Histórico de João Pessoa é abordado na primeira sequência e em seguida a experiência em Tours.

2. O Centro Histórico em João Pessoa

Terceira cidade fundada no Brasil, a cidade de João Pessoa é também a capital do estado da Paraíba. A cidade passou por um processo lento de urbanização, mantendo sua estrutura original quase sem alterações por mais de trezentos anos. O local de origem da cidade representou por prolongado tempo o centro que congregava distintas funções: comercial, residencial, religiosa, administrativa, política e cultural... Esse quadro foi adquirindo outros contornos, pois o bairro antigo, paulatinamente, passou por um processo de esmaecimento de suas funções primordiais... A expansão urbana que dilatou a cidade, sobretudo, em direção a orla, viabilizou, por conseguinte, a saída da elite e o comércio a ela destinado. Na trilha dessas alterações as edificações passam a serem ocupadas pela população de baixíssima renda... O bairro antigo foi deixando de ser o centro da vida social para tornar-se local abandonado e estigmatizado...

N.C.: O Centro Histórico sofria, como a maioria, dos Centros Históricos em geral... durante a noite ele é a área de prostituição e durante o dia quanto muito, serviços comerciais, não é? Mais assim o residencial tá caindo fora e a perda daquele espaço no dia a dia da população toda. Eu acho engraçado que é... As pessoas, muita gente não vinha a cidade, ao Centro Histórico, a cidade, porque já era um lugar depreciado. Então os jovens viriam fazer o que aqui, não é? [...] E cada vez o Centro Histórico já não tinha referência... Não foram eles que construiram... Foi a casa que meu pai fez... Já é a casa do tataravô e foi, e olha que já foi alugado, vendido e tudo mais... Ela [a casa] já não é mais, já não tem mais identidade... (Arquiteta e Diretora Geral da Oficina-Escola de João Pessoa. Entrevista concedida a autora na cidade de João Pessoa/Brasil).

Desse modo, na década de 1980 a decadência do Varadouro e Centro da Cidade ganhou mais magnitude, no sentido reverso os bairros da Orla marítima e proximidades aglutinam moradias da parcela de média e alta rendas. Os serviços e comércios modernos acompanharam os moradores mais abastados e a partir dessa época, passam a concentrar-se igualmente em *Shopping Centers* destinados a essa clientela. Exemplar nesse tocante é o *Manaíra Shopping* – maior centro comercial da cidade, criado na segunda metade da década de 1980. Dez anos depois, em 1999, outro *shopping Center*, localizado na orla da cidade, *MagShopping*, é inaugurado. Os *shoppings Centers* além de se destacarem como novas centralidades urbanas passam, outrossim, a serem

desfrutados como locais de encontro e lazer. Reverso ocorre com a deterioração dos Bairros de Varadouro e Centro da Cidade, que cada vez mais enfraquecem suas funções e usos, deixando de desempenhar importância comercial e habitacional. Tornando-se locais que imperam o abandono e pobreza, e onde o estado físico das edificações toma proporções cada vez mais gritantes.

Na década de 1980, a marola, de algumas transformações, começa a agitar o bairro antigo da cidade. Trata-se da implantação do Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa – Convênio Brasil/ Espanha, cuja área de atuação, envolve um perímetro de 117 hectares. Esta delimitação abrange o núcleo original e corresponde aos limites da cidade no ano de 1855 – a cidade manteve seu traçado genuíno. A área delimitada possui edificações de vários períodos da história de João Pessoa, sendo considerado patrimônio de indubitável valor histórico e arquitetônico, que se incorporam de forma harmônica ao patrimônio natural da cidade (O Processo, s.d.). Os objetivos primordiais do Projeto deslizam na perspectiva de recuperar as raízes culturais comuns entre Brasil e Espanha; a valorização e recuperação do patrimônio natural e construído. Além disso, visa à formação de mão-de-obra especializada em diversos níveis, o que inclui a revalorização de ofícios artesanais.

“Esta parceria, em 22 anos, promoveu um grande impacto no Centro Histórico de João Pessoa, sendo o mais relevante, a visibilidade ao nosso Patrimônio Cultural, reforçando nossa identidade e contribuindo para o desenvolvimento da cidade; incorporando o Centro Histórico no imaginário da população” (O Processo, s.d.).

Outra fase, ocorre no entardecer dos anos de 1990, com a revitalização da Praça Antenor Navarro e o do Largo de São Frei Pedro Gonçalves, localizados no Varadouro – maior bairro pertencente ao Centro Histórico. A intervenção urbana promoveu significativas alterações no que se refere aos usos com a abertura novos tipos de comércios (bares, boates, lojas etc.) essencialmente destinados as classes média e alta e aos turistas. A animação é garantida com uma agenda cultural intensiva que envolvia, não somente, a realizações de exposições de arte, *shows*, como, igualmente, a volta de festas populares ao local. É nesse contexto que o carnaval e o São João atraíram multidões ao antigo bairro. O Centro Histórico e o patrimônio ganham visibilidade e vira interesse não apenas do setor público como da iniciativa privada, que enxerga no patrimônio histórico perspectiva de lucro e promoção para as empresas. Abrem-se as cortinas para a aliança entre o poder público e o setor privado – através dos recursos vindos do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID.

Nesse novo “cenário” os prédios da Praça e do Largo receberam uma nova roupagem

com pinturas coloridas e vibrantes. Essas características destoam profundamente do restante do Bairro, pois tratou-se de uma intervenção pontual, que abrangeu, em especial, o conjunto arquitetônico localizados nos dois logradouros. No restante do Bairro visualiza-se prédios em situação crítica de conservação, não sendo raro encontrar edificações em ruínas. As ruas do Varadouro que não foram inseridas nos projetos de revitalização abrigam, também, um tipo de comércio bem distinto dos bares, antiquário e lojas do entorno da praça e do largo. Diferentes são, igualmente, a clientela, pois o comércio existente no bairro atende a população de baixa renda.

Convém sublinhar, que a “volta” da elite ao Varadouro não ocorreu através da função residencial, foi a instalação de novos usos, destinados ao consumo cultural, responsável pela “descoberta” que a cidade possui um Centro Histórico.

No ritmo frenético das mudanças nas sociedades modernas enfraquece a representação da duração e da continuidade. Por isso, o patrimônio e os centros históricos parecem ser hoje em dia, como as ruínas milenares noutros contextos, uma solução possível para responder a essa imponderável fuga do tempo e para fixar uma continuidade temporal (Simmel, 1985; Lowenthal, 1999; Fortuna, 1999). A animação dos espaços patrimoniais que alimenta esse mercado de experiências permite manter uma relação relativamente harmoniosa entre o efêmero e a duração. Mesmo quando esses espaços (promovendo a folclorização) acabam por se converter em palcos de verdadeiras redes de simulacros desligados da vida cotidiana, o seu “valor patrimonial” é utilizado para difundir uma atmosfera de prazer e de encanto que, oferecendo experiências, procura transcender o ordinário e produzir permanentemente a “exemplaridade” e a “fascinação” de que nos fala Henri-Pierre Jeudy (1996)” (Peixoto, 2006).

A nova dinâmica inaugurada com a instalação de bares, ocorrências de *shows*, festas etc., torna-se um atrativo. Assim, dessa presença dimana igualmente a existência de atividades informais, como a venda de lanches, pipoca, bebidas, guardador de carros entre outras, nada em consonância com as expectativas das políticas de gentrificação (Leite, 2004).

Inobstante aos anseios dos que intentam comercializar a imagem da cidade, comparece nesse cenário a população de baixa renda, residente em moradias precárias e na Favela Porto do Capim, (localizada a margem do Rio Sanhauá, no Bairro do Varadouro). A comunidade, de modo geral, depende da proximidade com Centro da cidade para sua sobrevivência, pois o comércio informal tornou-se o meio de conseguir algum dinheiro. Então, por questão de sobrevivência, a maior parte dessa população almeja habitar próximo dos locais onde exercem as atividades que proporcionam a aquisição de alguma renda. Desse modo, na parte do Bairro não revitalizada, as lojas que outrora exerciam

atração à elite local, figuram um passado que somente faz parte das lembranças de algumas gerações. Hoje, são lojas que vendem materiais de construção, elétricos, autopeças, ferramentas, ferragens, motores etc, que animam as ruas do velho Bairro. Essa situação abre espaço para discussão sobre descaracterização dos imóveis. Uma simples caminhada pelas antigas ruas o observador tem de imediato a visão e proporção desse processo. Edificações fechadas ou alteradas para abrigar usos não projetados como oficina mecânica, gráficas etc.

Seguindo ainda a mesma trilha novas intervenções urbanas foram propostas com o fito de engendrar uma nova paisagem e usos capazes de atrair investimentos e turistas. São grandes projetos a exemplo do Porto do Capim e criação do Parque da Pólvora.

3. Grandes Projetos: patrimônio, cultura e turismo no Centro Histórico de João Pessoa

Em 2007, o Centro Histórico de João Pessoa foi reconhecido como patrimônio nacional, a área compreende 370.000 m². Abrange uma parte considerável da Cidade Baixa (Bairro do Varadouro) e da Cidade Alta. Estima-se a preservação de cerca de 502 edificações, 25 ruas e 6 praças. Faz parte ainda da área demarcada o antigo Porto do Capim (João, 2008). Interessante observar o que diz a reportagem “Iphan avalia tombamento do Centro Histórico”, sobre o processo de tombamento do Centro Histórico da cidade,

“Uma perspectiva acentuada pelo tombamento do Centro Histórico de João Pessoa pelo Iphan é a atração turística. A superintendente do órgão na Paraíba ressalta que a preservação do patrimônio histórico é um dos principais pontos para a promoção do lugar. Ela cita as cidades europeias e até cidades brasileiras, a exemplo de Ouro Preto, em Minas Gerais, como típicos locais que atraem visitantes por manterem conservadas suas edificações e vias” (Lúcio, 2007).

O tombamento do Centro Histórico é comumente referendado como um título que abre portas e janelas para a entrada de investimentos através do desenvolvimento do turismo. Nesse contexto as belezas naturais e as peculiaridades, como o nascimento da cidade vinculado ao Rio e, ainda por ter seu traçado original preservado, são invocados como cenário singular para atração turística. Além disso, o título para a cidade é visto como uma forma de despertar a auto-estima da população. (Lúcio, 2007).

Seguindo essa trilha algumas propostas foram realizadas com o intuito de promover alterações dos usos e revitalização do Varadouro, como o Projeto Porto do Capim. Elaborado a mais de 25 anos, pela Comissão Permanente do Centro Histórico de João Pessoa, o Projeto ainda não saiu do papel. No entanto, reportagens recentes publicadas na imprensa local, revelam que as obras deverão ser efetivadas o mais breve possível.

Enquanto isso, o Projeto ainda gera incontáveis polemias junto à comunidade e órgãos que se apresentam em defesa das quase “500 famílias” (Brito, 2013) que habitam na Favela Porto do Capim, às margens do Rio Sanhauá,

De um lado estão os que acreditam que saído do local de precárias condições de vida a população habitará em casas com mais dignidade. Por outro lado, não deixa de despertar desconfiança daqueles que moram já muito tempo e tem com o local sejam laços de vizinhança e afetividade, – local onde criaram-se os filhos ou netos – ou ainda porque a proximidade com o centro da cidade garante o acesso rápido aos comércios, serviços e transportes, sendo igualmente o Centro, local de trabalho e, portanto, de obtenção do sustento da família.

O projeto prever a retirada das famílias do local e a alocação para unidades habitacionais multifamiliares, situadas próximo ao Porto do Capim. No lugar das casas uma grande praça para a realização de grandes eventos, com o fito turístico, que possivelmente não agregará a comunidade que viveu no local há décadas.

O artigo intitulado “Prefeito recebe moradores e defende diálogo no processo de revitalização do Porto do Capim”, de abril de 2013, relata sobre a reunião do Prefeito da cidade de João Pessoa com a Comissão de Moradores da Comunidade Porto do Capim. Além disso, anuncia a visita realizada pelo Prefeito em companhia dos técnicos do Banco Interamericanos do Desenvolvimento (BID) e da Caixa Econômica Federal (CEF), a comunidade Porto do Capim (Prefeito, 2013).

A área para a construção do Projeto pertence à Secretaria do Patrimônio da União – SPU e foi doado à Prefeitura Municipal de João Pessoa. Os recursos para a realização do Projeto serão advindos do Programa de Aceleração do Crescimento – Centro Histórico (PACCH), do Governo Federal, que dispõe de 1 bilhão de reais para o financiamento de revitalização em 44 cidades brasileiras que possuem Centro Histórico. O valor do Projeto apresentado pela Prefeitura ao Governo Federal chega a 106 milhões de reais, sendo que 16,8 milhões serão destinados a construção da ‘Praça de Eventos do Porto do Capim’ (Brito, 2013).

Ainda como parte das medidas de retomada da revitalização do Centro Histórico pode-se, ainda, citar dois grandes projetos, a saber: Centro Cultural e o Parque da Pólvora. O projeto inclui a reforma da Casa da Pólvora, prédio tombado em 1938. Além disso, a construção de um parque ecológico em seu entorno. O parque consiste em um grande investimento que prever a instalação de um complexo que contará com um teatro de arena (que funcionará como anfiteatro), um café cultural e a sede administrativa do

Parque. Ademais, no interior da Casa da Pólvora, foram previstos, igualmente espaço para exposições (Bandeira, 2013).

“Então, aí a tendência disso aqui tudo, desse Largo, da Praça, até chegar a Igreja de São Francisco vai criar esse caminho... Caminho maravilhoso que as pessoas podem vir agora da Igreja de São Francisco, descer a Ladeira de São Francisco, inclusive também já foi aprovado, não é, o projeto já foi aprovado pelo PAC do Centro Histórico a revitalização do Parque Casa da Pólvora. Casa da Pólvora vai ter todo um espaço, todo aquele entorno da Casa da Pólvora, houve até umas desapropriações do lado do posto, onde vai ter a administração do parque, incluindo a Fonte dos Milagres, que é no pé da Ladeira de São Francisco, que pra quem não sabe é a mais antiga fonte da cidade, que está aí, está entalada e atrás funciona dentro... Os muros da fonte funcionam dentro de uma casa... e perfeitamente onde ela foi (...), e outra, tem a marcação de... Mil oitocentos e quarenta, a data... Datada lá, cunhada na pedra calcária a data...” (S.C., arquiteto e morador do Centro Histórico de João Pessoa. Entrevista concedida a autora na cidade de João Pessoa/Brasil).

Com a construção do Parque Ecológico elabora-se, igualmente uma via de passagem entre os locais turísticos, que vai desde a Igreja de São Francisco, passando pela Ladeira, onde o visitante encontrar o Parque, em seguida a Praça Antenor Navarro, o Largo até chegar ao Porto do Capim. Corroborado com a tendência que coaduna patrimônio, cultura e turismo e alterações de usos e imagem da cidade, a reportagem a seguir é bastante ilustrativa:

“O prefeito de João Pessoa, Luciano Cartaxo (PT), garantiu nesta sexta-feira (18) que a reforma da Casa da Pólvora deixará o equipamento público em condições para retomar shows e programação que já agitaram a noite da Capital na década de 80 e início dos anos 90. “A Casa da Pólvora tem uma simbologia muito grande em João Pessoa”, explicou o prefeito, lembrando a importância do investimento também pela tradição e história da Capital ao ser a terceira cidade mais antiga do país” (Dantas, 2013).

No encaço desse feixe de transformações, convém, no entanto, ressaltar que com a criação do Parque Ecológico visa-se, trazer de volta ao Centro Histórico os *shows* que fizeram ferver a Praça e o Largo nos anos de 1990. É o que informa o artigo: “Casa da pólvora terá antiteatro mini-campo; ‘JP [João Pessoa] vai ter seu por do sol’, diz Cartaxo.”

4. Centro Histórico de Tours: novos usos, nova imagem

Tours é uma anciã cidade, cuja origem remota aos romanos, portanto, um percurso que atravessa séculos e séculos... Na aurora dos anos 1960, Tours empreende um estudo minucioso que permite a elaboração de um método de salvaguarda do bairro antigo.

Muito se têm discutido sobre a crise dessa parte pulsante da cidade, cuja decadência tem atingido diversas cidades em distintos países. Na França, o eco desse processo se fez mais perceptível nos anos 1960 e 1970, com o crescimento geográfico da cidade e a emergência da lógica polinuclear, que resultou no declínio do centro da cidade (Fortuna, 1985, Peixoto, 2006). Por muito tempo o centro exerceu papel essencial, concentrando praticamente todas as funções que regem a cidade: econômica, política, religiosa, cultural... Congrega os prédios mais representativos e símbolos de centralidade e de poder: o “hôtel de ville”, a igreja e o mercado. É, portanto, nesse ponto nodal, que se instalam, igualmente, os outros prédios relevantes da cidade: hospitais, justiça, bancos, colégios, lojas...

Eis um momento seminal onde o centro se fundamenta como espaço ímpar dos contatos humanos, da sociabilidade e da vida em conjunto. Sendo, ainda, comum registrar-se como lugar de nascimento da urbe. Assim, o centro histórico e a cidade se constituíam a mesma parte. A par disso, não é fortuito ser identificado como o coração da cidade. Local a partir do qual a cidade adquire outras dimensões, cresce e faz expandir seus raios de alcance para além do arrabalde anteriormente definidos. É justamente a partir desse ponto que essa história secular começa a ser escrita de outra maneira, pois é com a expansão urbana que o centro esmaece sua abrangência de ação dominante. O enredo que tem como nascedouro o processo de aceleração da urbanização/ industrialização, cujos contornos mais dramáticos ganham relevo no arrebol da segunda metade do século XX. É patente que a exiguidade de espaço no centro promoveu a urbanização para lugares remotos... Para bem além dos contornos de origem da cidade.

Assim, a periferia oferece mais espaço para instalação das empresas. Nos anos de 1960 e 1970 os habitantes da periferia adquirem um potencial de consumo crescente. As empresas oferecem empregos, atividades e mercados são criados, o que indubitavelmente promove o desenvolvimento das zonas suburbanas, “qui deviennent quasi autonomes par rapport aux centres-villes”ⁱⁱ. Se antes as pessoas que viviam na periferia mantinham um laço de dependência com relação ao centro da cidade, sendo imperativos os deslocamentos para ir ao trabalho, fazer compras ou simplesmente com o intuito de participar de atividades de lazer. Com o recrudescimento das zonas periféricas, – com a criação de atividades, áreas residenciais, centros comerciais e espaços de lazer – descortina-se um novo horizonte e as áreas periféricas tornam-se cada vez mais independentes do centro da cidade. Em resumo, no âmago dessa possante tendência forjam-se significativas mutações, a saber: uma autonomia de funções e os moradores das áreas distantes não precisam mais realizar os grandes deslocamentos. Além disso,

uma ação inversa ganha ressonância, ou seja, são os habitantes do centro da cidade que viajam até a periferia para realizar compras nos centros comerciais (Dumont, 2012).

Nesse momento, na França, assiste-se o movimento de reconquista do centro. As novas políticas urbanas empreendem esforços no sentido de preservar ou revitalizar essa parte considerada histórica. Ora, nunca é demais lembrar que é a partir dos anos de 1960 que as intervenções urbanas sofrem significativa evolução no que concerne seus processos e conceitos, como esclarece Menezes (2005, p. 65):

“A partir desse período, configura-se uma perspectiva de intervenção que, estimula pelo debate sobre os centros históricos, se alicerça numa postura crítica em relação às práticas precedentes, as quais se pautavam pela conservação e restauro de elementos isolados do património arquitectónico, bem como pelo recurso à demolição e renovação sistêmica do tecido edificado dos centros urbanos”.

Por outro lado, o alargamento da compreensão patrimonial desabrochou novas formas de vivências, como também novas dinâmicas econômicas amalgamadas ao turismo. De modo geral, a partir dessa nova perspectiva não é mais as populações desfavorecidas que vão permanecer no local ou que vão desfrutar dos benefícios resultantes do processo de restauração/reabilitação urbana. Esse tipo de experiência foi fortemente marcante na cidade de Tours através do processo de substituição da população de baixa renda e também do comércio por grupo social economicamente mais favorecido. Nesse tocante, como afirma Zukin (2000) a paisagem urbana apresenta em sua aparência os jogos de poder.

Na cidade de Tours a criação de um setor protegido, com 90 hectares, data de 1973. Depois de 35 anos, o setor foi estendido em mais 60 hectares e passa englobar os imóveis do século XIX dos “Boulevards Béranger” e “Heurteloup”, a “Cité Mame” (zona industrial construída entre 1860 e 1875), a rua Lamartine (casas do século XV), a parte sul da Rua “Blanqui” em torno da Igreja “Saint-Pierre Ville” (France, 2012). Dessa forma o setor protegido envolve a maior parte do hipercentro da cidade.

A Rua Nationale é a artéria principal da cidade e do setor protegido, com cerca de 137 estabelecimentos o que representa 1.057 empregos. Antiga estrada que ligava a Espanha à Paris (ex-RN), a Rua Nationale, hoje é dos transeuntes, significa dizer que nem os carros nem os ônibus desfilam mais pela Rua secular. Amada pelos que são imbuídos pelo afã de comprar, seguramente a via é indicada como possibilidade de se encontrar aquilo que se deseja adquirir. De utensílios para casa, decoração, veraneio, pesca... Ao uso pessoal como vestimentas, adereços... Passando pelo lazer, leituras, músicas... Até os sonhos das delícias de uma boa mesa regada a vinho...

Nunca é demais lembrar que o fenômeno denominado gentrificação igualmente surge como a contrapartida dessas novas políticas urbanas. O abandono da elite e a carência de investimentos na área delineou o quadro de profunda decadência. A ocupação do bairro pela camada popular viabilizou o florescimento de práticas ligadas a esse grupo. Também todo o comércio e serviços que pulsavam para atender a essa clientela. A cidade de Tours é ilustrativa a esse respeito. O bairro antigo, conhecido como o Vieux Tours, embora composto por habitações em precaríssimo estado de conservação, não era vazio, pelo contrário, era populoso (com forte concentração de imigrantes). O Bairro sempre manteve uma animação apesar das situações de vidas... De pobreza e de degradação do espaço físico. Correntemente associado a elementos nada valorizados como: a sujidade, prostituição, pobreza, insalubridade. Por isso, não é de se admirar que o bairro recebesse rótulos nada simpáticos, sendo de modo geral, aviltado, pelos habitantes de outros bairros. Os prédios abandonados pela elite tornaram-se desconhecidos da população de um modo geral, logo, não sendo reconhecidos os valores arquitetônicos. Os atributos que davam a essa área da cidade uma fisionomia peculiar são prestigiados após as medidas políticas de renovação e restauração urbanas.

O retorno de moradores abastados e a substituição dos usos delineiam o quadro de profunda remodelagem no que tange aos aspectos econômicos, políticos e sociais do espaço urbano. Essa reconfiguração incorre em uma mutação da paisagem incorporando ainda as práticas de lazer e consumo cultural com o intuito de promoção turística. Estratégias que ganham eco, como modo de captar capital em meio ao contexto de forte competição entre as cidades. Nesse particular, as políticas inauguradas caminham no sentido de ressaltar o bairro antigo como lugar guardião da memória, do patrimônio e de arquitetura singular. Assim, os passos são dados em direção ao fortalecimento dos laços entre as atrações do centro, então revalorizadas, e as atividades turísticas.

Nesse sentido, insere-se os grandes projetos com altíssimos investimentos e consequentes alterações no espaço e nas relações entre a população/visitantes e estes com os espaços revitalizados.

5. Grandes investimentos, grandes projetos: um novo cariz para a cidade de Tours

A cidade de Tours, assim como João Pessoa seguem a tendência contemporânea que apresentam os grandes projetos, que intentam não somente “a recuperação física de espaços degradados” outrossim a orientação estratégica que impulsiona a cidade a adquirir condições físicas imprescindíveis para criar “espaços qualificados de produção e consumo adaptados às exigências das novas demandas locais e globais”. Esforços, estes, que são considerados fundamentais para dotar a cidade do efeito-íman, capaz de

atrair investimentos e também consumidores, e desse modo “assegurar vantagens” em um contexto de forte competição entre as cidades (Rodriguez; Abramo, 2008).

Tomando essa tendência como modelo, na cidade de Tours, a chegada do *tramway* assinala uma significativa alteração para os deslocamentos diários. A modernização dos transportes urbanos, as redes de *tramways*, como bem afirma Dumont (2012, p. 274), são frequentemente a ocasião de oferecer novamente ao centro uma função de troca e atratividade que tinha largamente enfraquecido.

Não somente a chegada do novo transporte – que passa pela Rua Nationale e liga a região norte de Tours até a cidade de Joué-lès-Tours, no sul – é saudado como investimento que beneficiará o hipercentro, “outros projetos se proliferam próximo a ponte Wilson. Logo após um grande hotel de luxo e a transformação visual e arquitetural da entrada da rua principal” (Pille, 2013).

As obras de transformação da Rua *Nationale* em “semi-piéton”, ou seja, via de passagem apenas para os pedestres e o *tramway*, já foram concluídas, mas o trabalho continuará com o outro desígnio a ser realizado no alto da Rua. Composto de três fases o projeto de reestruturação encontra-se em processo de construção. O trabalho foi iniciado desde 2012 e tem data prevista para ser concluído em 2020 (Collet, 2016).

Um grande investimento com o custo aproximado de 100 milhões de euros de engenharia civil, o projeto terá financiamento da iniciativa privada (os dois hotéis de luxo – 3 e 4 estrelas – e imóveis) e a construção do “Centre de Création Contemporaine Olivier – Debré” (CCCOD) e os espaços públicos serão financiados pelo Estado e atividades locais (Tv Tours, s.d.). Somente o CCCOD custará 13,67 euros, a realização terá os investimentos “Tour(s) plus, qui bénéficiera du concours financier de l'État (1,5 M€), de la Région (4,8 M€), du Département (1,46 M€) et de l'Europe (600.000 €) sur cette opération” (Guillermin, 2012). O centro contará com uma área de aproximadamente 4.500m². Faz parte ainda desse feixe de mutações a criação de 5.000m² de comércio (Guillermin, 2013), área livre para as pessoas realizarem passeios e ainda serão colocados em evidência os prédios históricos como o “Musée des Beaux-Arts”, a igreja de Saint-Julien e o “Musée du Compagnonage”.

Com a ação de reestruturação da Rua Nationale a cidade ganhará uma nova entrada em frente ao Rio Loire. O redesenho que dará “un coeur nouveau pour la ville”ⁱⁱ, prever igualmente novos usos que pretendem, segundo o projeto, reequilibrar as funções e os serviços da entrada da cidade. Ações possíveis graças as modificações realizadas, em 2012, no plano de proteção da cidade de Tours (Le Haut, s.d.).

Além das mutações acima elencadas, o plano prevê a criação no “Hôtel Goüin” de

residência para artistas contemporâneos locais, nacionais e internacionais, que serão convidados a trabalhar com as coleções da “Société Archéologique de la Touraine”. Os artistas habitarão próximo da “l'école des Beaux-Arts” e igualmente, após execução do projeto, do “Centre d'art contemporain Olivier-Debré” (Pille, 2013).

Outro exemplo de grande projeto foi inaugurado em 2016, trata-se da criação de um polo de ensino de artes gráficas e imagem, na antiga tipografia “Mame” uma obra da arquitetura industrial. Localizado dentro do perímetro do setor protegido, o polo de ensino prever a instalação: “Ecole supérieure des beaux-arts, le Département histoire de l'art de l'université et l'école Brassart.” O primeiro passo foi a criação de uma residência estudantil, habitações e escritórios previstos para ocupar o lugar dos antigos ateliês anexos sem interesse arquitetural (Le Site, s.d.).

O conjunto de intervenções e projetos se articula, igualmente, com o investimento na infraestrutura de transporte, que representa um vetor de desenvolvimento econômico. Considerado um meio de transporte coletivo rápido, acessível e confortável o “*tramway* prendra parfaitement sa place dans cet espace renouvelé”.ⁱⁱⁱ

No cerne dessa luminosa tendência a cultura ascende como fator primordial capaz de lançar a cidade em condições favoráveis no cenário de grande competitividade locais e internacional. Nesse contexto vale sustentar-se na já conhecida receita que amalgama usos produtivos, comércios, cultura, lazer e residências, como meio de atrair investidores e consumidores (Teixeira Coelho, 2008).

6. Considerações finais

Como já foi explicitado, a cena contemporânea aponta relevantes mudanças de perspectivas no que concerne aos projetos de revitalização urbana. No bojo dessa rutilante propensão amalgama-se a construção de equipamentos culturais e revitalização urbana, tendo o patrimônio como pilar crucial. Essa articulação deu impulso para a elaboração de grandes projetos. Estes, por sua vez, além de promoverem a recuperação de áreas degradadas, visam dotar a cidade de condições físicas para abrigar novos usos funções capazes de direcionar uma nova fase de desenvolvimento urbano. Nesse horizonte a construção desses novos espaços, no contexto fortemente engendrado pela competição entre as urbes, almeja-se, igualmente, a venda da imagem da cidade para a atração de capital e de consumidores. Nessa perspectiva as grandes obras, que apoiam-se na valorização do patrimônio, impulsionam a reconversão de áreas degradadas em novos centros de atração turísticas.

A cidade de João Pessoa e Tours os passos dados nesse sentido podem ser visualizados através de Projetos de revitalização. Assiste-se nesse horizonte grandes investimentos aplicados para transformar as cidades em locais que segue os trilhos da modernização.

Se por um lado a experiência, em João Pessoa, que teve sua origem em 1987 ativou o processo de apropriação do patrimônio e aos olhos da cidade começa-se a estimular o apelo ao que seriam as singularidades culturais da cidade e do Estado da Paraíba. Assim, ter o título de terceira cidade fundada no Brasil, suas características naturais “Cidade Verde” (uma das cidades mais verdes do mundo), cidade detentora do ponto mais Oriental do Brasil – a Ponta do Seixas, localizada a 14 quilômetros do centro da cidade etc., são motores que inserem João Pessoa em certos aspectos em caminhos similares a outras cidades que passaram por processo de revitalização urbana – a eleição de símbolos que possam identificar a cidade. No bojo desse processo uma nova imagem do antigo bairro é engendrada como local de consumo cultural e de lazer. Nesse sentido, a noção do que seria um Centro histórico “nasce” ou é reinventada. Fato esse que passa singularizar a tomada de consciência da existência de um Centro Histórico na cidade.

No rastro dessa luzente tendência o patrimônio e tradições locais são inseridos como ingredientes principais do *marketing* citadino. Nesse sentido, locais abandonados passam a ser inseridos em um novo contexto visando a reaquisição do valor simbólico e também imobiliário.

No cerne dessas estratégias cumpre ressaltar que a cultura se insere como elemento primordial, como alavanca propulsora do potencial turístico. Nesse compasso identidades coletivas são galvanizadas e “reinventadas” de maneira a tornar a urbe um produto a ser negociado e vendido. Estratégias que apoiam-se na imagem da cidade para atrair capital adotam medidas que levam em consideração a patrimonização dos bens culturais, nessa tessitura os centros históricos passam a serem alvos das medidas de planejamento urbano. Em outras palavras, “mais que a própria cidade material, o que se vende hoje é, sobretudo a imagem de marca da cidade” (Fernandes; Berenstein, 2004). No caudal dessas estratégias reverbera-se processos que tem como fito modificar o perfil sociocultural dos que figuram o local. Toda essa constelação de transformações leva a reflexão de que:

“No nível social, os processos de povoamento urbano conhecem também novas dinâmicas. Os processos de “gentrificação”, perceptíveis em inúmeras cidades, participam dessas dinâmicas. Atualmente a gentrificação é reconhecida como um elemento que se destaca na transformação centros urbanos (Smith, 1999)” (in Bidou-Zachariasen, 2006).

A ligação entre a cultura e as intervenções urbanas ressalta outro aspecto relevante, qual seja: o elo entre os investimentos públicos e os recursos vindos da iniciativa privada. Ora, se na França essa realidade vem sendo traçada desde os anos de 1960, no Brasil é na década de 1990 que essa relação se torna efetiva.

“Embora em escala diferente, a chave de entendimento da cultura como ingrediente de marketing passaria a ser introduzida nas políticas brasileiras durante o governo de Fernando Henrique Cardoso na Presidência da República (1994-2002), época marcada pelo empenho do governo federal na adequação do país aos cânones neoliberais. É possível perceber tanto em comunicações presidenciais da época, como através de algumas ações, tais como a realização de megaexposições no exterior e a injeção de recursos federais em equipamentos culturais e em preservação de centros históricos com potencial turístico, a aproximação entre política cultural e marketing nacional” (Kara-José, 2007).

Em uma perspectiva cada vez mais estreita observar-se as parcerias entre poder público e o setor privado – através da participação do capital privado em projetos culturais. Nesse novo limiar alarga-se a compreensão empresarial da cultura e o delineamento de iniciativas voltadas para o patrimônio histórico. Tal angulação exerceu mudanças significativas nas ações de recuperação do patrimônio histórico urbano no Brasil. Para financiar projetos de expressão cultural algumas medidas foram implementadas pelo Governo Federal. No tocante as áreas consideradas menos atrativas para o mercado, como o patrimônio histórico, foi adotado como medida empréstimos ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Em conjunto com o BID foram injetados recursos que visavam a ampliação da infraestrutura turística, com o fito de estimular o turismo cultural. No rastro dessas transformações a cidade passa fazer parte das políticas culturais. Descortina-se, no cenário nacional, nos anos de 1990, as revitalizações em centros históricos e a construção de grandes equipamentos culturais passam a ser o escopo das políticas públicas culturais e urbanas. Vale a pena salientar que esses investimentos encontravam-se em harmonia com a compreensão empresarial de gestão urbana.

Referências bibliográficas

A REVITALIZAÇÃO do Centro Histórico de João Pessoa. João Pessoa: Comissão do Centro Histórico de João Pessoa – Convênio Brasil/ Espanha, s./d., p.110. Fonte: Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Paraíba – IPHAN-PB.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori (2000). Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In.: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis: Vozes.

BANDEIRA, Wênia (2013). Casa da Pólvora será reformada para receber turistas. Leia Já. <http://www.leiaja.com/cultura/2013/casa-da-polvora-sera-reformada-para-receber-turistas/>. Acesso em: 18 out. 2015.

BIDOU-ZACHARIASEN, Catharine (Coord.) (2006). De volta à cidade: dos processos de gentrificação às políticas de “revitalização” dos centros urbanos. São Paulo: Annablume, p. 22.

BRITO, Juliana (2013). Revitalização do Porto do Capim, em João Pessoa, divide opiniões. Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/festa-das-neves/2013/noticia/2013/08/revitalizacao-do-porto-do-capim-em-joao-pessoa-divide-opinioes.html>. Acesso em: mai. 2016.

CANCLINI, Nestor García (2008). “Imaginários culturais na cidade: conhecimento/ espetáculo/ desconhecimento”. En: COELHO, Teixeira (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural.

COLLET, Olivier (2016). *Haut de la Rue Nationale: 4 ans de travaux en détail*. Infor Tours. <http://www.info-tours.fr/articles/tours/2016/02/03/3584/haut-de-la-rue-nationale-4-ans-de-travaux-en-detail/>. Acesso em: 29 jul. 2016.

COMISSÃO Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, PB. Centro Histórico de João Pessoa. **Centro Histórico JP Blog**. João Pessoa, 14 mar. 2012. Disponível em: <http://centrohistoricojp.blogspot.com.br/2012/03/comissao-permanente-de-desenvolvimento.html>. Acesso em: jul. 2016.

DANTAS, Paulo (2013). Casa da pólvora terá antiteatro mini-campo: ‘JP [João Pessoa] vai ter seu por do sol’, diz Cartaxo. <http://www.paraiba.com.br/2013/10/18/82564-casa-da-polvora-tera-antiteatro-mini-campo-e-abrira-de-domingo-a-domingo-jp-vai-ter-o-seu-por-do-sol-diz-cartaxo>. Acesso em: 05 mai. 2016.

DUMONT, Gérard-François (2012). Déclin ou renouveau des centres-villes?. In.: DUMONT, Gérard-François (Dir.). *La France en Villes*. Paris: Éditions Sedes/Cned, p. 270-276.

FERNANDES, Ana; JACQUES, Paola BERENSTEIN (Org.) (2004). *Territórios urbanos e políticas culturais*. Cadernos PPG-AU/FAUFBA. Ano 2. Número especial. Salvador: Universidade Federal da Bahia/ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, p. 12.

FRANCE, Arrêté du 9 mai 2012. Plan de Sauvegarde et de mise en valeur du secteur

sauvegardé (PSMV). Appobation de la modification du plan de sauvegarde et mise em valeur du secteur sauvegardé de la ville de Tours – Secteur du Haut de la rue Nationale. Arrêté préfet d'Indre-et-Loire. Tours, p. 1-3.

GUILLERMIN, Johan (2012). Centre d'art Olivier-Debré: vernissage prévu em 2015. La Nouvelle République. <http://www.lanouvellerepublique.fr/Indre-et-Loire/Actualite/24-Heures/n/Contenus/Articles/2012/12/11/Centre-d-art-Olivier-Debre-vernissage-prevu-en-2015>. Acesso em: 26 de out. de 2015.

GUILLERMIN, Johan (2013). Tours: la meu de la rue Nationale. La Nouvelle République. <http://www.lanouvellerepublique.fr/Indre-et-Loire/Communes/Tours/n/Contenus/Articles/2013/07/05/Tours-la-mue-de-la-rue-Nationale-1537676>. Acesso: 01 de set. de 2016.

JOÃO Pessoa (PB) será tombada pelo Iphan. **Cultura e Mercado**. João Pessoa (?), 2008. Disponível em: <http://www.culturaemercado.com.br/noticias/joao-pessoa-pb-sera-tombada-pelo-iphan/>. Acesso: Out. 2011.

KARA-JOSÉ, Beatriz (2007). *Políticas culturais e negócios urbanos: a instrumentalização da cultura na revitalização do Centro de São Paulo (1975-2000)*. São Paulo: FAPESP; Annablume.

LE HAUT de la Rue Nationale (s.d.). Tours.Fr. <http://www.tours.fr/340-le-haut-de-la-rue-nationale>. Acesso em: jul de 2016.

LEITE, Rogério Proença de Sousa (2001). *Espaço público e política dos lugares: usos do patrimônio cultural na reinvenção contemporânea do Recife Antigo*. Doutor Tese, Universidade de Campinas.

LE SITE Mame (s.d.). Tours.fr. Urbanisme. <http://www.tours.fr/315-mame.htm>. Acesso em: 16 de julho de 2013.

LÚCIO, Marly (2007). *IPHAN avalia tombamento do Centro Histórico*. Correio da Paraíba. Caderno 2. João Pessoa, p. C-1 e C-6.

MENEZES, Marluci (2005). *Patrimônio Urbano: por onde passa a sua salvaguarda e reabilitação? Uma Breve visita à Mouraria*. Cidades – Comunidades e Territórios, nº 11, pp. 65-82. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3419/1/Cidades2005-11_Menezes.pdf. Acesso: 05 de abr. 2016.

O PROCESSO de Revitalização. Projeto de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa Convênio Brasil/ Espanha. (s.d.). João Pessoa (?), p. 108. Fonte: Arquivo da Biblioteca do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Paraíba – IPHAN-PB.

PEIXOTO, Paulo (2003). *Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades*. <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8511.pdf>. Acesso: 25 de set. de 2011.

PEIXOTO, Paulo (2006). *O passado ainda não começou: funções e estatuto dos centros históricos no contexto urbano português*. Doutor Tese, Universidade de Coimbra.

PILLE, Bruno (2013). Secteur sauvegardé: des commerces em mutation. La Nouvelle République. www.lanouvellerepublique.fr. Acesso em: 30 de julho de 2015.

PILLE, Bruno (2013). L'hôtel Gouïin, rénové peut retraverser le temps. La Nouvelle République. <http://www.lanouvellerepublique.fr/Indre-et-Loire/Loisirs/Patrimoine-tourisme/n/Contenus/Articles/2013/09/07/L-hotel-Gouein-renove-peut-retraverser-le-temps-1602727>. Acesso em: jun de 2015.

PLANO de Revitalização do Centro Histórico de João Pessoa. João Pessoa; TCI – Planejamento, Projeto e Consultoria Internacional; Comissão Permanente de Desenvolvimento do Centro Histórico de João Pessoa, 1984. Fonte: Arquivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Paraíba – IPHAN-PB.

PREFEITO recebe moradores e defende diálogo no processo de revitalização do Porto do Capim (2013). João Pessoa: Prefeitura Municipal de João Pessoa. Disponível em: <http://www.joaopessoa.pb.gov.br/prefeito-recebe-moradores-e-defende-dialogo-no-processo-de-revitalizacao/>. Acesso em: 5 de jun de 2016.

RODRIGUEZ, Arantxa; ABRAMO, Pedro (2008). Reinventar a cidade, urbanismo, cultura e governança na regeneração de Bilbao. In.: COELHO, Teixeira. (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural.

TEIXEIRA COELHO (2008). A cidade e os avatars da cultura. In.: TEIXEIRA COELHO (Org.). *A cultura pela cidade*. São Paulo: Iluminuras/ Itaú Cultural.

TV Tours. Haut de la rue Nationale: un projet ambitieux (s.d.). <https://www.youtube.com/watch?v=cg4i3hq7ifU>. Acesso em: 15 de julho de 2013.

ZUKIN, Sharon (2000). Paisagens do Século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano. In.: ARANTES, Antônio Augusto. *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus.

- ⁱ “(...) que se tornaram quase autonomas em relação aos centros das cidades” (Tradução livre realizada pela autora)
- ⁱⁱ “(...) um coração novo a cidade” (Tradução livre realizada pela autora).
- ⁱⁱⁱ O “tramway” tomará perfeitamente seu lugar neste espaço renovado (Tradução livre realizada pela autora).